

Roteiros e Dramas: a identidade territorial dos Kalunga que vivem “entre territórios”

Itinerarios y dramas: la identidad territorial de Kaluga vivo “entre territorios”

Itineraries and Dramas: territorial identity of Kaluga living “between territories”

Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira

Doutoranda pelo Instituto de Estudos Socioambientais – UFG
jorgeannyf@gmail.com

Maria Geralda de Almeida

Professora do Instituto de Estudos Socioambientais – UFG
mgdealmeida@gmail.com

Resumo

No presente artigo apresentaremos algumas reflexões acerca da identidade territorial dos Kalunga migrantes, que tiveram na mobilidade, entre a comunidade de origem e o novo território que habitam, uma oportunidade de melhoria da qualidade de vida. O encontro com esses indivíduos se deu durante as principais festas da comunidade. A festa oportuniza o reencontro, a sociabilidade e a solidariedade entre os Kalunga, tanto para aqueles que permanecem como aqueles que já não mais vivem no local. A partir dessas premissas, algumas indagações propiciaram o desenvolvimento do texto: os Kalunga migrantes mantêm laços que conformam as relações de identidade com o território de origem? Esses laços impedem a construção de novos hábitos, costumes e práticas sociais em outros lugares? Quais os traços da identidade territorial desses indivíduos que vivem entre territórios? Para responder estes questionamentos recorreremos à pesquisa bibliográfica sobre temas como território e identidade. Além disso, utilizamos as metodologias observação participante e entrevista semi-estruturada, as quais nos subsidiaram a compreensão sobre questões ligadas a identidade territorial no território Kalunga, bem como o valor dado por esse povo as suas tradições e cultura.

Palavras-chave: Kalunga; Engenho II; Território; Festas; Identidade;

Resumen

En este trabajo presentamos algunas reflexiones sobre la identidad territorial de los inmigrantes Kalunga que tenían movilidad en la comunidad de origen y el nuevo territorio que habitan, una oportunidad para mejorar la calidad de vida. El encuentro con estas personas se produjo durante gran comunidad de festivales. El partido favorece el reencuentro, la sociabilidad y la solidaridad entre los Kalunga, tanto para los que se quedan como los que ya no viven allí. A partir de estos supuestos, algunas preguntas condujeron a la elaboración del texto: los inmigrantes Kalunga mantienen vínculos que dan forma a las relaciones de identidad con el país de origen? Estos bonos impiden la construcción de nuevos hábitos, las costumbres y las prácticas sociales en otros lugares? ¿Cuáles son los rasgos de la identidad territorial de las personas que viven entre los territorios? Para responder a estas preguntas nos volvemos a la literatura sobre temas como territorio e identidad. Por otra parte, las metodologías utilizadas observación participante y la entrevista semi-estructurada, que apoyamos la comprensión de las cuestiones relacionadas con la identidad territorial del Kalunga, así como el valor dado por este pueblo, sus tradiciones y su cultura.

Palabras clave: Kalunga; Engenho II; Territorio; Fiestas; Identidad.

Abstract

In this paper we present some reflections about territorial identity of Kaluga migrants who had mobility among the community of origin, and the new territory they inhabit, an opportunity to improve the quality of life. The meeting with these persons occurred during major festivals community. The party favors the reunion, sociability and solidarity between the Kalunga, both for those who remain and those who no longer live there. From these assumptions, some questions led to the development of the text: Are the Kalunga migrants maintain ties that shape the identity relations with the country of origin? These bonds prevent the construction of new habits, customs and social practices elsewhere? What are the traits of territorial identity of those individuals who live among the territories? To answer these questions we turn to literature on topics such as territory and identity. Moreover, the methodologies used participant observation and semi-structured interview, which we supported the understanding of issues related to territorial identity within Kaluga, as well as the value given by this people their traditions and culture.

Keywords: Kalunga; Engenho II; Territory; Parties; Identity.

Introdução

No presente artigo apresentamos algumas reflexões sobre a identidade territorial dos Kalunga migrantes. O encontro com esses indivíduos se deu nas duas principais festas da comunidade, a saber: a Folia de Santo Antônio e a Folia de Reis, em Julho de 2011 e Janeiro de 2012 respectivamente.

As festas no território Kalunga são momentos que ensejam o reencontro e o retorno ao lugar de origem. O festar para o povo Kalunga configura-se na sociabilidade, bem como na reafirmação da identidade do grupo. O retorno daqueles que já não vivem mais na comunidade representa a valorização às culturas, crenças e tradições do local.

O deslocamento espacial no território Kalunga é comum, haja vista que a infraestrutura nesse local é débil. Há dificuldades, por parte dos moradores, ao acesso a educação, saúde, transporte e emprego. No entanto, o retorno de muitos desses migrantes é frequente, caracterizando uma intensa mobilidade desses indivíduos entre os territórios ocasionando a produção de territorialidades em ambos.

Tendo em vista essas premissas tecemos as seguintes indagações: Os Kalunga emigrantes mantêm laços que conformam as relações de identidade com o território de origem? Os laços afetivos e estáveis com esse território impedem a construção de novos hábitos, costumes e práticas sociais em outros lugares? Quais os traços da identidade territorial desses indivíduos que vivem entre territórios?

Para responder estes questionamentos recorreremos à pesquisa bibliográfica sobre temas como território e identidade. Além disso, utilizamos as metodologias observação participante e entrevistas semi-estruturadas que nos subsidiaram a compreensão sobre questões ligadas a desterritorialização e identidade territorial no território Kalunga.

A observação participante se caracteriza pelo envolvimento do pesquisador ao objeto/sujeito. O envolvimento pessoal possibilita a integração do pesquisador ao objeto de pesquisa e contribui para o modo de interpretar os dados coletados em campo. A relação estreita com os sujeitos de pesquisa é importante para uma compreensão mais ampla dos modos pelos quais, determinada sociedade ou grupo pensa e age sobre seu mundo (BORGES, 2009).

A entrevista semi-estruturada nos possibilitou captar, dos sujeitos entrevistados, algumas referências acerca da identidade Kalunga e da experiência ligada à migração. Essa técnica se caracteriza na utilização de um roteiro previamente elaborado, constituindo-se de perguntas semi-abertas. Nesse tipo de entrevista, deve-se formular perguntas que contenham alguns elementos básicos daquilo que se deseja investigar, o que dariam novas questões a partir das respostas dos informantes (MANZINI, 2004).

Com base no estudo bibliográfico e o uso das referidas metodologias buscamos analisar a relação dos sujeitos pesquisados e seu território de origem, bem como os elementos basilares para a constituição da identidade Kalunga.

O Território Kalunga: cultura e identidade em terra de negro

O território Kalunga localiza-se no Nordeste de Goiás e constitui-se em agrupamentos de famílias distribuídos entre os municípios Monte Alegre, Teresina e Cavalcante. Esse território é um Sítio Histórico do Patrimônio Cultural de acordo com a lei nº 11.406 de 21 de janeiro de 1991, regulamentada pela Lei Complementar nº 19 de 5 de janeiro de 1996 (VELLOSO, 2007).

Em 2000, a Fundação Cultural Palmares, por meio da Portaria Interna de número 40 reconheceu as terras no domínio do perímetro demarcado do Sítio em favor dos Kalunga. Um dos agrupamentos familiares desse território é o Engenho II, objeto de nosso estudo. A comunidade Kalunga do Engenho II localiza-se no município de Cavalcante, a 330 km de Brasília-DF, a 600 km de Goiânia e a 27 km do centro urbano de Cavalcante (Figura 1).

No espaço habitado por esse grupo social predominam os vãos, serras e morros, depressões e vales estreitos, com a presença de rios e uma vegetação de cerrado. Localizado no nordeste de Goiás, esse espaço como informa Almeida (2010, p. 3), é conhecido como “Vãos da Serra Geral, parte ocupado pelo vale do Rio Paranã e seus afluentes, às bordas da Chapada dos Veadeiros na qual se encontra o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros”.

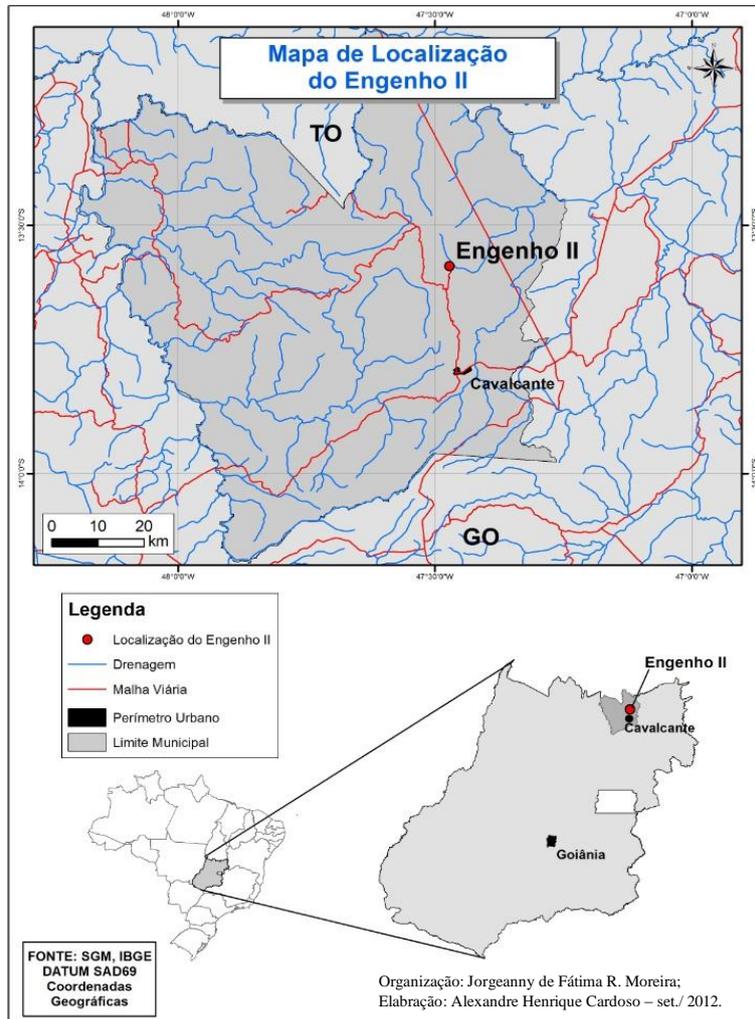


Figura 1: Mapa de localização do Engenho II

Apesar da perda de algumas das práticas simbólicas e culturais, os Kalunga do Engenho II se expressam e mantêm vivos costumes no trabalho, danças, rezas e manifestações religiosas, que relatam no tempo-espaço festivo sua história. Dessa forma, “a sociabilidade local é construída por meio de agrupamentos de famílias, vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades festivas” (ALMEIDA, 2010, p. 14).

Tais práticas também definem as territorialidades dessa comunidade, que persistem na manutenção de alguns rituais festivos e simbólicos. Assim, o território representa um “espaço social resultado de um processo histórico da relação de um grupo

humano com o espaço que o abriga” (MORAES, 2000, p. 16). As emoções e sentimentos dos Kalunga, no que concerne a práticas simbólicas e culturais, corroboram para a construção da identidade cultural e territorial desse povo.

São nos momentos festivos que o grupo reproduz suas práticas sociais, seus costumes e valores, que por meio de signos e significados incorporaram no território sua identidade. Por meio das manifestações culturais eles reafirmam a identidade e territorializam o espaço festivo. Para Raffestin (1993) o processo de territorialização se dá por meio da apropriação do espaço tanto concreta como abstratamente. Em outras palavras, as práticas culturais são responsáveis por territorializar o espaço ocupado e produzido por aqueles remanescentes de quilombolas. Essas práticas são relações simbólicas construídas historicamente pelos moradores no território vivido.

No território se apresenta objetivos e ações dos atores sociais, que podem ser econômicos, políticos, sociais e culturais. Saquet (2010, p. 7) defende que “território é aquele que envolve atores e não aquele [...], espaço de interação entre atores”, ou seja, o conceito de território não se restringe as ações e interações entre os atores sociais, mas também o envolvimento simbólico e de pertencimento dos atores com o próprio território.

Théry reafirma os argumentos de Raffestin, pois “o território não é um mero suporte da atividade humana, ele é também uma construção social, à qual todos os seus habitantes participam, todos os dias” (THÉRY, 2008, p. 90). Essa construção social se dá por meio das relações sociais e culturais nele estabelecidas.

Já Haesbaert (2010), explica que existem três concepções acerca de território. A primeira refere-se a perspectiva materialista, vinculado à base física do espaço nas vertentes: naturalista, econômica e de jurídico político. A segunda trata-se do território na perspectiva idealista, ou seja, a apropriação simbólica do espaço, o caráter subjetivo marcado pelas práticas sociais e culturais. A terceira concepção refere-se ao território numa perspectiva integradora, isto é, a integração das diferentes dimensões do território, sendo elas: natural, política, social, econômica e simbólica-cultural.

Para o desenvolvimento de nossas reflexões, adotamos o conceito de território na perspectiva idealista, por apresentar foco no indivíduo, pois “ele é também objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de

mundo” (ALMEIDA, 2005, p. 108). Nessa abordagem, o território pode ser associado à identidade que os indivíduos atribuem a ele, como resultado de uma apropriação simbólico-expressiva, agregando significados e relações simbólicas.

A partir dessas reflexões, compreendemos que as festas no território Kalunga contribuem para o processo de construção de identidades territoriais, pois essas manifestações são responsáveis pelas relações simbólicas e culturais dos atores sociais com o território.

A dimensão simbólica dessas festas no território Kalunga denota significados e a cultura do grupo social, pois nesses momentos eles projetam sua concepção de mundo. Por meio dessas manifestações, a população local insere no território sua cultura, marcada pelas ações e práticas sociais que persistem entre os quilombolas demonstrando o enraizamento territorial, revelando o pertencimento ao território.

Nessa perspectiva, compreendemos a cultura como “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas” (CLAVAL, 2007, p. 60). Nessa perspectiva, a cultura é transmitida de uma geração a outra, é o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo (GEERTZ, 1989).

A cultura depende do grupo social para que seja transmitida e assim se mantenha ao longo do tempo. Ela é dinâmica, e por isso a (re) significação dos hábitos, crenças e valores. Laraia (2009) define que existem dois tipos de mudança cultural. A primeira é interna e acontece de forma espontânea, é um processo do próprio sistema cultural. A segunda refere-se ao contato de um grupo social com outro.

Os Kalunga, ao migrarem e estabelecerem novas territorialidades adquire novos sistemas culturais, baseado no encontro com outros grupos sociais e com novos hábitos, costumes e tradições. Os emigrantes entram, portanto, em contato com outras identidades. Para Castells (1999), a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo, como os nomes, idiomas, nacionalidades.

O processo de construção desses atributos culturais conforma a identidade de um indivíduo, pois estão inter-relacionados. No entanto, para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS,

1999). Nesse caso, os emigrantes podem produzir novas identidades, na medida em que adquirirem novos atributos culturais em outros territórios.

Hall (1997) compreende a identidade cultural como o conjunto dos aspectos que surgem de nosso ‘pertencimento’, como por exemplo, “as culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 1997, p. 8). Todavia, Claval propõe que os elementos que contribuem para a formação da identidade cultural são “o desejo de adequar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa que repousa na articulação exercida de todos os aspectos de sua vida centrados na cultura” (CLAVAL, 2007, p. 146).

Concordamos com Claval no que tange a importância de adequar-se e pertencer a certas práticas sociais e culturais para a formação da identidade cultural. Entre outras interpretações, para a construção da identidade, a relação de pertencimento com a base material em que se dão os processos culturais é fundamental.

A migração estabelece uma série de mudanças no comportamento do sujeito e também nos atributos culturais a que ele está submetido. Contudo, ao sujeito desterritorializado é imposto novos hábitos e costumes, obrigando-o a cumprir novos papéis e funções pautadas nas territorialidades produzidas por eles no território para qual migrou. Mas, essas territorialidades causam uma mudança ou crise de identidade? Para responder essa indagação, observamos e entrevistamos alguns Kalunga emigrantes que compareceram as festas no Engenho II em Cavalcante, Goiás.

Em casos específicos, há os grupos que retornam definitivamente ao território Kalunga, já que tiveram dificuldades para se adaptar a rotina nas grandes metrópoles. Outros grupos manifestam sua preferência em permanecer no território de origem, mas a pouca infraestrutura no meio rural os impedem de retornar ao Engenho II definitivamente.

Identidade Territorial: viver “entre territórios”

Segundo Hall, as transformações sociais, políticas, culturais, econômicas e culturais nas sociedades modernas estão mudando “nossas identidades pessoais, abalando a ideia de nós mesmos como sujeitos integrados” (HALL, 1997, p. 9). Para o autor o deslocamento e/ou descentração dos indivíduos do seu mundo cultural constitui

uma “crise de identidade”, pois a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade.

Na medida em que o sujeito está em intensa mobilidade espacial e estabelecendo novas relações em várias sociedades, ele deixa de ter uma identidade unificada e estável, para se tornar um sujeito cujas identidades estão fragmentadas. Neste caso, ele é composto não de uma única, mas de várias identidades. O sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, mas móvel, descentrada, transformada pela relação com diferentes sistemas culturais (HALL, 1997). Isso se explica pelo fenômeno da globalização que exerce impacto sobre as identidades culturais. Diferentes grupos sociais estão expostos às influências globais, ao outro de cultura diferente.

Castells (1999) entende essa multiplicidade de identidades como resultado do surgimento da sociedade em rede, que por sua vez está fundamentada na disjunção sistêmica entre o local e global. Por influência da globalização, o local estabelece relações de dimensões mundiais. Não obstante, a sociedade é afetada, tendo um maior acesso a informações e mercadorias advindas de lugares distantes. Ademais, o contato intenso com o Outro, já que nas sociedades pós-modernas as distâncias se encurtaram, favorece o impacto cultural.

No entanto, a identidade cultural refere-se ao pertencimento que o indivíduo tem do conjunto de atributos sociais e culturais. Para Gimenez (2009) é pelo pertencimento social, que o indivíduo internaliza de forma individualizada as representações sociais próprias do seu grupo de referência. Os fatores que contribuem para a construção da identidade individual são o pertencimento social, atributos físicos e psicológicos e uma narrativa pessoal que o autor chama de identidade biográfica (GIMENEZ, 2009).

Identificamos essas características mencionadas por Gimenez na comunidade quilombola do Engenho II. Por meio dos festejos, os antigos moradores retornam a comunidade para reencontrar amigos e parentes. A festa, portanto, é o momento da sociabilidade, dos reencontros e de (re) afirmarem a identidade, pois todos se identificam com as crenças, rituais e tradições do local.

Segundo Haesbaert isso se dá a partir da memória do grupo social, pois a identidade territorial, “recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência ‘condense’ a memória do grupo” (HAESBAERT,

1999, p. 180). Ao migrarem, os Kalunga comungam de outros hábitos e costumes, no território habitado produzem novas territorialidades que emergem nas ações e práticas cotidianas. A reterritorialização desses sujeitos não impede os vínculos de pertencimento e as relações simbólicas com o território de origem.

Esses indivíduos veem nas festividades do Engenho II uma forma de retornar as práticas culturais e tradicionais, que envolvem a celebração religiosa por meio de rituais católicos aos santos de devoção da comunidade. Esses rituais se dão pela coletividade, onde todos os moradores celebram as mesmas crenças. As folias e demais rituais religiosos oportunizam o festar.

Concomitante as atividades sagradas, acontecem às ações profanas que se caracterizam pelo divertimento e transgressão com as práticas cotidianas. Dessa forma, as festas no território Kalunga, a exemplo do Engenho II, apresentam funções sociais. Del Priori, explica que a festa também possui aspectos simbólicos e “permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários” (1994, p. 10).

Não obstante, os Kalunga compartilham nos tempos festivos, seus valores, seus saberes ligados a fé e devoção. As danças e brincadeiras são atos executados por todos que com eles se identificam, pois os territórios festivos são “o registro das representações individuais e coletivas sobre o espaço que, a partir de identidades já previamente firmadas, depositam sua carga ideológica” (LAGARES; ALMEIDA, 2009, p. 27).

É no tempo e território festivo em que encontramos aqueles que não mais habitam o território, mas que carregam consigo seus aspectos simbólicos e identitários. São nas festas, que aqueles que emigraram experienciam as crenças que sustentam o sagrado, bem como a sociabilidade com aqueles que ficaram. O reencontro é marcado pelas diversas ações que orientam o território festivo. Ações estas que primam pelos detalhes da organização, da projeção política e econômica e também pelas funções sociais marcadas pelas territorialidades da comunidade.

Foi nas Folias de Santo Antônio e Folia de Reis em Julho de 2011 e Janeiro de 2012, respectivamente, que nos deparamos com antigos moradores que de tão longe

(Brasília, Goiânia e Califórnia, Estados Unidos) voltaram para participar das celebrações religiosas, do forró e do jantar comunitário.

Uma das antigas moradoras do Engenho II, que emigrou para os Estados Unidos explica que a festa é o momento oportuno para rever todos os amigos e parentes, mas também para celebrar “as tradições e cultura da comunidade. As folias e festas já fazem parte da tradição da família” (N., 28 anos, Serviços Gerais). Ela explica que deseja retornar ao Engenho II definitivamente, mas não pode devido a pouca infraestrutura e qualidade de vida na comunidade, por isso opta por morar no exterior.

O retorno dessa moradora nos dias de festa exemplifica a importância dada por esses emigrantes, às tradições e cultura do território Kalunga. O ato de emigrar e de estabelecer novas territorialidades não os impede de manter vínculos afetivos e identitários com o território de origem. Cruz (2007) argumenta que

a construção de uma identidade territorial pressupõe dois elementos fundamentais: o *espaço de referência identitária*, que é o referente espacial no sentido concreto e simbólico onde se ancora a construção de um determinada identidade social e cultural, e a *consciência de pertença e do auto reconhecimento*, o que implica em nós no reconhecermos como pertencentes a um grupo e a um território específico (CRUZ, 2007, p. 25-26).

Em outras palavras, a identidade territorial está ligada à memória social do grupo e a construção histórica de relação de pertencimento com um dado território. O auto reconhecimento revela que o indivíduo é portador de características culturais e sociais do grupo a que originalmente pertence, por isso o retorno dos Kalunga nos dias em que acontecem as principais manifestações culturais.

Também há relatos de moradores que migraram para as grandes cidades em busca de trabalho, mas retornaram definitivamente para o território Kalunga. Sr. G. (Kalunga, 82 anos, aposentado) afirma que viveu por mais de 5 anos em Brasília, mas retornou ao Engenho II, pois não conseguiu se adaptar as rotinas e hábitos da capital federal. Os fatores que determinaram a sua volta foram às práticas culturais ligadas à agricultura e as tradições religiosas. Ele conta que voltou a morar na comunidade, devido a uma promessa feita pela irmã a Santo Antônio. Tal promessa originou uma das principais folias do Engenho II.

Portanto, as relações sociais e culturais imprimiram no território a identidade do grupo, bem como o sentido de pertencimento para os indivíduos. O

território também se resulta de um processo de “relação identitária que se instaura entre uma comunidade e o espaço da qual esta se apropria” (POLLICE, 2010, p. 8).

Outra pessoa que estabeleceu experiências de roteiros entre territórios é L. (45, Funcionário Público) ao explicar que sempre retorna ao Engenho II em dias de festas religiosas, pois aprendeu a respeitar e gostar dos santos católicos com os avós. A folia para ele significa tradição, é a prática mais antiga que se tem notícias na comunidade. “Hoje em dia tem o forró, mas antigamente eram só as folias e a *sussa*” (Sr. L.). Os cantos, as orações e as rezas representam as tradições das comunidades Kalunga, e participar desses rituais significa pertencer a essa comunidade, compartilhar dos mesmos costumes, crenças e valores do grupo social que territorializa esse espaço.

De acordo com Almeida “os territórios tornaram-se práticas passageiras de indivíduos que por eles transitam [...] sem, portanto, deixar de ser a matriz e o produto destas ações individuais” (2009, p. 189). Para a autora, cada um dos territórios ocupados pelos migrantes contribui para sua identidade social e cultural.

Esses sujeitos têm na mobilidade um aspecto importante para a construção da cultura, pois possuem um “acúmulo” de informações sociais e culturais, mas não chegam a constituir sua identidade, uma vez que se sentem pertencentes ao território de origem. Eles se identificam com os hábitos, costumes, tradições e valores do território Kalunga. No entanto, participam, por meio das territorialidades que produzem, do novo território que ocupam.

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas no texto se referem a algumas questões colocadas em pesquisa de campo nas festas do Engenho II, devido a presença de antigos moradores na comunidade. A identificação destes indivíduos com as práticas simbólicas e culturais do território Kalunga subsidiou a compreensão acerca da identidade territorial.

Os sentimentos e emoções dos sujeitos que retornam à comunidade do Engenho II evidenciam esses laços que permitem a construção da identidade Kalunga. Esses sujeitos colocam seus costumes e práticas como inerentes a sua cultura, além de serem aspectos que consumam e legitimam sua diferença diante do Outro.

As novas territorialidades produzidas pelos migrantes não rompem com a identidade cultural que carregam consigo quando deixam o território Kalunga. As novas práticas ligadas ao trabalho e a cultura agregam novos sentidos aos migrantes, uma vez que a identidade cultural é dinâmica. Entretanto, a identidade territorial está ligada ao pertencimento simbólico e material com o espaço habitado. Na medida em que esses indivíduos estabelecem elo de pertencimento e afetividade com o território de origem, também possuem identificação que impedem à ruptura com o mesmo.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Território de Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. **Revista Ateliê Geográfico** – Edição Especial. V. 1, n. 9, fev. 2010, p. 36-63.

_____. Diáspora: Viver Entre-territórios. E entre Culturas? In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. Fronteiras, Territórios e Territorialidades. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza. Ano 2, n. 2, p. 103-114, 2005.

BORGES, Maristela Corrêa. Da Observação Participante à Participação Observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. In RAMIRES, Julio César. L; PESSÔA, Vera Lúcia S (Orgs.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009.

CASTELLS, Manuel. Paraísos Comuns: identidade e significado na sociedade em rede. In: CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CRUZ, Valter do Carmo. Itinerários Teóricos sobre a Relação entre Território e Identidade. In: BEZERRA, Amélia Cristina A. (et. al.). **Itinerários Geográficos**. Niterói: Ed.UFF, 2007.

DEL PRIORI, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIMÉNEZ, Gilberto. **Identidades Sociais**. México: Instituto Mexiquense de Cultura, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: EIDRICH, Álvaro Luiz [et al.] (orgs.). **A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço**. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

_____. **O mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

LAGARES, Mirne-Gleyde; ALMEIDA, Maria Geralda de. Ambiente e Apropriação do Cerrado: o uso do calendário agrícola de produção no trabalho e na conformação dos territórios festivos rurais. In: **Revista Geografares**. Departamento e Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES: nº 7 (2009).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista Semi-Estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **A pesquisa qualitativa em debate Anais/ II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2004.

MORAES, A. C. R. Introdução In: MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI**. São Paulo: Hucitec, 2000, pp. 15-27.

POLLICE, Fábio. O Papel da Identidade Territorial nos Processos de Desenvolvimento Local. Tradução de Andrea Galhardi de Oliveira, Renato Crioni e Bernardete Aparecida C. C. Oliveira. In: **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 27, p. 7-23, Jan./Jun. de 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

THÉRY, Hervé. Globalização, Desterritorialização e Reterritorialização. In: **Revista da Anpege**. Fortaleza, V. 4, 2008.

VELLOSO, Alessandra D`Aqui. **Mapeando narrativa:** uma análise do processo histórico-espacial da comunidade do Engenho II – Kalunga. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Departamento de Geografia, 2007.

Recebido para publicação em outubro de 2013
Aprovado para publicação em fevereiro de 2014